

Componente valiosa da obra é o inventário cronologicamente organizado dos escritos de Adriano Moreira entre 1943 e 2005, os quais se espalham por livros, ensaios, anuários, boletins, conferências e artigos de Imprensa em várias latitudes, numa constelação temática que tanto diz da doutrina quanto do Portugal vintecentista que a enquadra. Neste particular, a pesquisa assume-se como uma útil ferramenta para todos quantos queiram estudar e aprender com a reflexão adrianista. Falta somente encontrar quem reúna o espólio em local próprio e o

disponibilize a estudiosos e observadores do último império europeu, cuidando do respectivo tratamento e preservação.

O livro tem a chancela da Almedina, com o cuidado da apresentação que é próprio da editora de Coimbra. José Filipe Pinto, que trabalhou com a colaboração do retratado, dá aqui mais uma contribuição para conhecer Adriano Moreira e apresenta resultados de um real trabalho de dedicação.

* JORNALISTA E INVESTIGADORA DO INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA.

Gladstone & Disraeli

Dois líderes que iniciaram uma nova fase no modo e nos meios do exercício político — a massificação democrática do debate e do jogo político.

A questão subsiste — que distância separa a banalidade da pequena política do registo exemplar que marca e assinala a História? Será a História a sequência essencial de uma lei implícita ou inexorável que determina e conduz os destinos da Humanidade na direcção de um futuro prometido? Poderá a História determinar a sorte de um político ou será o carácter de um “grande homem” julgado pela afirmação de uma vontade face à profusão das opções históricas em aberto? Finalmente, o que será um “grande líder”

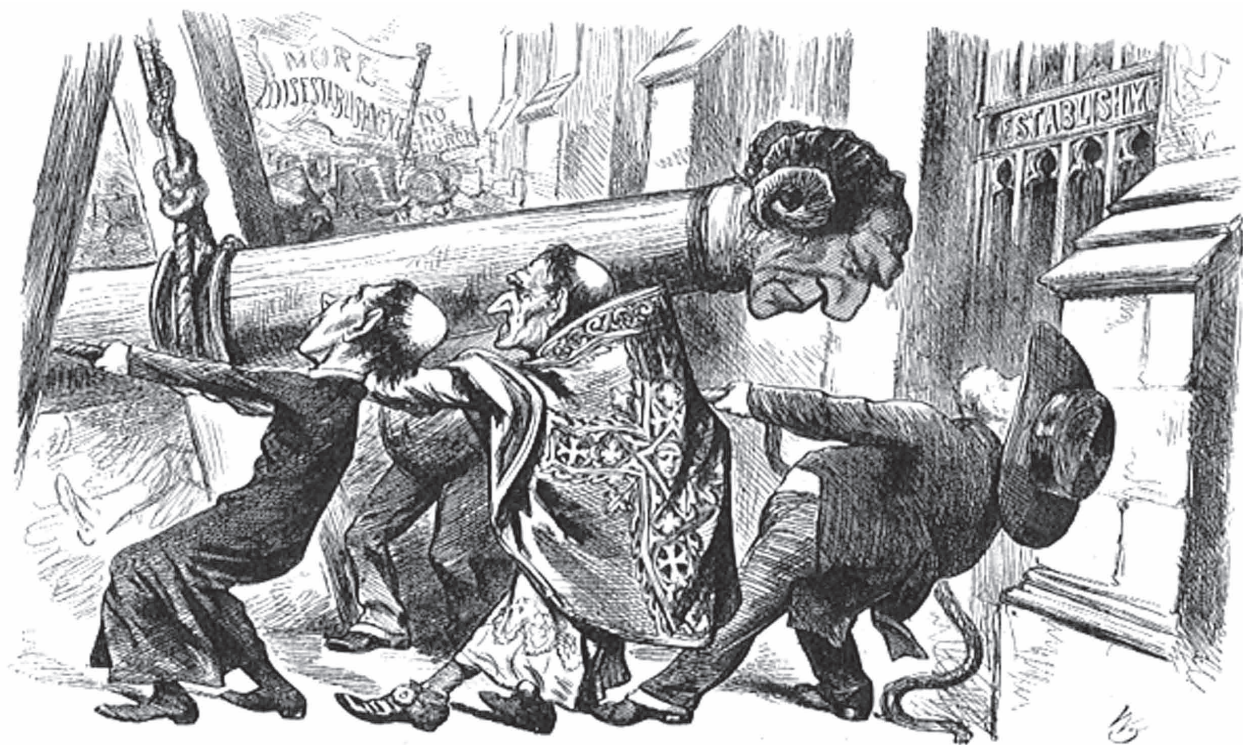
Todas estas questões surgem no espírito de um observador competente ao reflectir sobre a leitura da obra intitulada *The Lion and the Unicorn — Gladstone vs Disraeli*, da autoria de Richard Aldous. O livro pretende mais a descrição do que a análise, em respeito quase escrupuloso pela cronologia, da relação entre os dois “colossos” da política vitoriana. De certo modo, Richard Aldous consegue evitar o assinalável risco do seu empreendimento histórico-literário, nomeadamente, a irrelevância final circunscrita à exemplar produção de duas biografias paralelas. Com sentido narrativo e sensibilidade para o debate político, Richard Aldous atinge um registo interessante e competente sobre os momentos de clara ruptura, política e pessoal, entre Gladstone e Disraeli. De forma bem visível, a estrutura do livro reproduz com exactidão a lógica cinemática subjacente a uma su-

cessão minuciosa dos “grandes momentos” em vidas contemporâneas.

Abstraindo uma dimensão pessoal marcada, menos pela natural animosidade entre rivais políticos, mas sobretudo caracterizada por um “ódio” permanente, persistente e civilizado, Gladstone e Disraeli iniciam uma nova fase no modo e nos meios do exercício político — a massificação democrática do debate e do jogo político. Neste sentido, a interrogação sobre o carácter e a fortuna de um “grande líder” coloca-se como elemento para reflexão. Assim, e por um lado, a matéria de um “grande líder” estará invariavelmente associada à definição e projecção de uma visão política para os problemas da sociedade humana. Por outro lado, e no contexto de uma sociedade democrática, a dimensão de um “grande líder” será também aferida em função da invenção de uma personalidade pública capaz de garantir, quer o apoio efectivo de uma grande coligação, quer a necessária vitória na conclusão do processo eleitoral. No “novo mundo da política democrática”, a afirmação de uma personalidade política implicará a capacidade de persuasão racional, a eficiência executiva, a oratória carismática, a organização partidária, o *power-broking* institucional e a imaginação superior para os “grandes e pequenos esquemas” da política. Em momentos distintos da vida política, Gladstone e Disraeli exibem todas as qualidades e todos os defeitos que definem a imagem e produzem o discurso de um “grande líder” para os tempos modernos.

Mas depois vem o apelo e o *charme* das personalidades individuais. Sem nunca violar o dever de imparcialidade em relação às personagens políticas em análise, o centro em *The Lion and the Unicorn* será efectivamente estabelecido a partir de um conhecimento profundo da colecção dos Diários de Gladstone. No entanto, o carácter de Disraeli resiste à arquitectura conceptual da obra. Antes de ser político, Disraeli foi romancista, e a marca do homem-de-letras permaneceu na percepção da disciplina política.

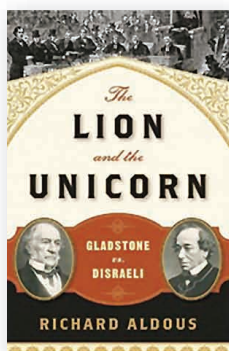
POR CARLOS MARQUES DE ALMEIDA *



Uma rivalidade política que separou os homens no seu tempo, mas que a História insiste em perpetuar enquanto paradigmas de um tempo e de uma época.

Em *Victorian Minds*, Gertrude Himmel-farb celebra a “imaginação política” de Disraeli, imaginação que, para muitos observadores e alguns historiadores, não passaria de uma “fantasia literária” registada na prosa larga e precisa de *Coningsby* e *Sybil*. No entanto, os romances de Disraeli encerram toda uma ideologia política. Uma ideologia que antecipou as intimações de uma sociedade vitoriana em transformação — a ascensão da classe média, a noção de que a aristocracia e a *working class* seriam “aliados naturais”, a percepção de que o “carácter nacional” seria mais importante do que os arranjos políticos efêmeros, a convicção de que a política e a sociedade seriam governadas por uma longa, subtil e complexa continuidade entre a tradição política e o modo de vida habitual. Como refere Gertrude Himmel-farb, tal como o “latitudinarismo teológico” facilmente derivou para o racionalismo, o “latitudinarismo político” de Disraeli haveria de derivar para a democracia.

Como tal, *The Reform Act of 1867*, ou a segunda reforma eleitoral, e cujo vigoroso debate entre Gladstone e Disraeli é descrito por Richard Aldous com uma apu-



**The Lion and the Unicorn:
Gladstone vs Disraeli
Richard Aldous**

rada sensibilidade para o detalhe político, revela não o famoso “oportunismo” da “mente tortuosa” de Disraeli, mas sim a convicção de um político na natureza eterna das instituições da sociedade, bem como a aceitação da verdade eterna contida nas aspirações e nos desejos da condição humana. Como escrevia o jornal *The Times* em 18 de Abril de 1883: *In the articulate mass of the British populace, he discerned the Conservative working-man as the sculptor perceives the angel imprisoned in a block of marble.*

A rivalidade entre Gladstone e Disraeli terá inspirado Lewis Carroll em

Through the Looking Glass, nomeadamente, o Capítulo VII da obra e que leva o título de *The Lion and The Unicorn*. Também Richard Aldous não resistiu ao fascínio de uma rivalidade política que separou os homens no seu tempo, mas que a História insiste em perpetuar enquanto paradigmas de um tempo e de uma época. Um apelo e um fascínio continuamente renovados pela necessária elucidação dos insondáveis mistérios da vida política.

* DOCENTE DA FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DOUTORANDO DE INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA